

## A hora da verdade

Vinicius Medeiros



Wanda Engel, do Instituto Unibanco: investimento em projeto que beneficiará 17 mil jovens

O que antes já era difícil complicou de vez. Refém de investimentos privados, o terceiro setor é mais uma das vítimas da crise financeira. Embora não existam números oficiais, especialistas garantem que houve redução no volume de recursos aplicados nas atividades de ongs, institutos e fundações sociais. Em tempos de escassez de crédito e ameaça ao emprego, muitas empresas decidiram cortar o que era mais prático e barato. Com o novo panorama, o lema “fazer mais com menos”, que já era amplamente praticado nessas instituições, virou questão de sobrevivência, o que tem o efeito colateral de acelerar a profissionalização do terceiro setor.

Nos últimos anos, o conceito de investimento social privado vem sendo progressivamente mais assimilado e valorizado pelas empresas brasileiras. Segundo **Fernando Nogueira**, professor do Curso Avançado de Gestão da Sustentabilidade e Responsabilidade Social Empresarial da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (**ESPM-SP**), o auge do crescimento do terceiro setor aconteceu entre 1995 e 2002. “No período, estima-se que houve um aumento de 150% no número de ongs, instituições e fundações. Hoje, as empresas brasileiras sabem da importância dos investimentos sociais para a valorização de suas marca”, diz.

Consolidado segundo relatório do Programa de Voluntários das Nações Unidas (ONU), as cerca de 300 mil instituições com foco social no País movimentam 5% do Produto Interno Bruto (PIB), o terceiro setor, apesar das dificuldades de gestão e irregularidade no fluxo de recursos, prosperava até o agravamento da crise financeira, em outubro do ano passado. Mas o abalo encontrou as instituições mais preparadas. “Hoje, há mais preocupação com gestão e profissionalismo do que antigamente. Se a crise fosse há dez anos, a situação estaria muito pior”, avalia Nogueira.

Embora não haja números oficiais, especialistas em responsabilidade social estimam uma redução média entre 30% e 40% dos recursos aplicados em projetos sociais e ações de institutos e fundações. “Muitas companhias foram pegadas pela crise durante o planejamento orçamentário para 2009. Quantificar a queda no volume de investimentos sociais é muito difícil, mas ongs, fundações e instituições sociais estão encontrando dificuldades para captar

recursos”, garante João Paulo Altenfelder, sócio da SEI Consultoria, que desenvolve e implementa modelos de gestão para negócios sustentáveis.

## **Instituto Unibanco**

Segundo Altenfelder, apesar do ambiente não ser ideal, muitas organizações continuam investindo. “Entre as companhias que apoiavam projetos por pura preservação da imagem, os cortes foram regra. Em compensação, empresas engajadas por questões éticas ou senso de responsabilidade mantêm seus investimentos”, diz.

O Instituto Unibanco é uma das instituições que mantiveram investimentos. Na semana passada, a organização assinou com o governo do Estado do Rio de Janeiro um termo de compromisso para ampliar o projeto “Entre Jovens”. Implantada no ano passado, a iniciativa tem como objetivo reduzir os índices de evasão escolar nas instituições de ensino atendidas e beneficiou cerca de 4,4 mil estudantes em 2008.

Promovido em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, o programa, que abrange atualmente 33 escolas na região metropolitana do Rio, oferece atendimento educacional complementar a alunos da 1ª série do ensino médio com dificuldades em português e matemática. A ação se desenvolve por meio de um sistema de tutoria com universitários licenciados nessas disciplinas.

Segundo Wanda Engel, diretora-executiva do Instituto Unibanco, o projeto receberá quase o dobro de investimentos em relação a 2008, saltando de R\$ 1,11 milhão para R\$ 2 milhões este ano. Com a expansão, o “Entre Jovens” beneficiará cerca de 17 mil alunos e 400 tutores (universitários).

“As parcerias público privadas são fundamentais para o desenvolvimento do Estado. O investimento social precisa ter eficácia e impacto, que, nesse caso, é a melhoria da qualidade de vida e das condições da população que necessita de políticas públicas. A juventude é a faixa etária mais afetada pelo desemprego. A maioria dos desempregados são justamente jovens que não conseguiram completar o ensino médio. No Brasil, metade dos alunos não conclui este nível de educação”, diz.

## **Resultados**

Com o panorama de queda nos investimentos, os resultados passaram a ser determinantes para a manutenção dos projetos sociais espalhados pelo País, acredita Fabiano Rangel, sócio-consultor da Txai Consultoria, que atua na área de sustentabilidade e responsabilidade social empresarial. “Por conta da crise, as empresas estão focando os recursos nas ações que efetivamente dão retorno e apresentam resultados positivos para a sociedade”, acredita.

Segundo Rangel, a crise vai exigir mudanças nas estruturas organizacionais das instituições e fundações do terceiro setor. “Nem sempre falta de recursos é sinal de projetos sociais ruins. Há bons exemplos espalhados pelo País. No entanto, o momento atual vai exigir um perfil de gestão profissional. Não há receita de bolo, mas diagnósticos detalhados das ações, diálogo afinado com os investidores e busca contínua por parcerias são ferramentas decisivas”, avalia.

Apesar dos efeitos negativos, há um ponto positivo na crise, avalia o consultor. “Ela deve acelerar o processo de profissionalização do terceiro setor. Não se pode negar que falta capacitação. A situação evoluiu desde a promulgação da Lei da Organização Social de Interesse Público (Oscip), em 1999, mas ainda é preciso melhorar, pois a boa gestão será crucial para a manutenção dos projetos sociais”, garante.

**Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 14 abr. 2009, Seudinho, B-14.**